

TRADUÇÃO EM PAUTA: ASPECTOS IDEOLÓGICOS IMPLÍCITOS NA (RE)APRESENTAÇÃO DO OUTRO

TRANSLATION ON THE AGENDA: IDEOLOGICAL ASPECTS IMPLICIT IN THE (RE)PRESENTATION OF THE OTHER

Maria Angélica Deângeli¹
Doutora em Letras
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
(angelica.deangeli@unesp.br)

Angélica Karim Garcia Simão²
Doutora em Letras
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
(angelica.karim@unesp.br)

Leandro Pereira Barbosa³
Mestre em Estudos Linguísticos
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
(lecopb@yahoo.com.br)

RESUMO: O século XXI está marcado por transformações na esfera jornalística em função da transposição do meio impresso ao digital e da aceleração do ritmo do mercado de comunicação. A circulação global de notícias que são traduzidas diariamente condiciona mudanças de natureza cultural, política e econômica. Neste trabalho, entende-se o controle sobre os meios de comunicação como um recurso simbólico que atua no exercício de poder e na transmissão de ideologias (VAN DIJK, 2002 e 2005), fato que influencia as representações que se constroem da realidade (CHARAUDEAU, 2015). A análise da tradução de manchetes, do idioma francês para o português, revela que o processo tradutório pode mudar a interpretação dos fatos, apresentando uma nova abordagem para os acontecimentos. Neste sentido, pensar a tradução é pensar a identidade e a diferença.

Palavras-chave: Tradução jornalística. Léxico. Webjornalismo. Discurso.

ABSTRACT: The twenty-first century is evidenced by transformations in the journalistic field resulting from the transposition of printed media to digital and the resulting and acceleration of communication market. Global circulation implies that news, when translated, undergo transformations conditioned by cultural, political, and economic factors. In this paper, control over media is understood as a symbolic resource that plays a role in power exercise and in ideology propagation (VAN DIJK, 2002 and 2005) influencing reality representations (CHARAUDEAU, 2015). The analysis of translated headlines, from French to Portuguese, aims to reflect on the pathway by which translations alter interpretation, thereby presenting a

¹ ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5181-1634>.

² ORCID: <http://0000-0002-2198-4868>.

³ Doutorando em Estudos Linguísticos (PPGEL) – área de concentração Linguística Aplicada.
ORCID: <http://0000-0003-3571-5543>.

new evaluation to events. Consequently, reflecting on translation means both reconsidering identity and difference.

Keywords: Journalistic translation. Lexis. Digital media. Discourse.

Contextualização

O texto jornalístico foi, durante muito tempo, difundido exclusivamente pelo meio impresso. Na contemporaneidade, em virtude do desenvolvimento e das profundas transformações tecnológicas, o mercado da comunicação foi obrigado a se remodelar. Tal fato tem influenciado diretamente a velocidade de produção dos textos, dos custos e da acessibilidade no gerenciamento da informação.

As consequências do caráter efêmero no ambiente digital incidem também diretamente na esfera da tradução dos textos jornalísticos, atividade que remonta à época da mídia impressa, mas que ganhou maior projeção após o surgimento das agências de notícias. Ao contrário do jornalismo impresso, que permanecia o mesmo depois de publicado, os textos na atualidade, bem como as suas traduções veiculadas na internet, apresentam várias peculiaridades. A principal delas reside na permanente possibilidade de edição: as novas tecnologias permitem que sejam corrigidos, alterados e, até mesmo, apagados das plataformas digitais.

Alguns problemas de categorização se colocam frequentemente nesse âmbito. Um deles é a respeito de um consenso sobre o que compreende, de fato, a tradução jornalística, pois, para muitos, as “adaptações” com as quais nos deparamos na imprensa escrita não são consideradas traduções (ASTIRBEI, 2011). Para Valdeón (2015), as dúvidas a respeito do que seriam as traduções jornalísticas se devem ao fato de que não há um diálogo entre estudantes de tradução e de jornalismo. Com efeito, a tradução nem é tópico propriamente estudado nos cursos de jornalismo, como argumenta o pesquisador:

O primeiro problema que surge para a colaboração acadêmica entre estudantes de tradução e de jornalismo parece ser a própria definição de 'tradução'. Enquanto para os primeiros, o conceito engloba uma ampla gama de mudanças inter e intralinguísticas (independentemente de alguns usarem 'tradução' e outros preferirem 'transedição' para sugerir notícias ou tradução jornalística), pesquisadores de jornalismo parecem ver 'tradução' como a literal interpretação interlinguística de um texto estrangeiro, um processo

que tende a ser raro na produção de notícias envolvendo tradução (VALDEÓN, 2015, p. 257)⁴.

No meio jornalístico, a tradução passa a seguir formas próprias de reelaboração, fato que ocasiona profundas transformações sobre a nova informação. Ao desviar-se daquilo que se concebe tradicionalmente como tradução, é comum que receba outros nomes, como “transedição”, “recontextualização” ou “localização” (GUERRERO, 2019, p. 76 e 77). Essa variada nomenclatura reflete uma discussão tradicional no seio dos Estudos de Tradução acerca dos limites entre tradução e adaptação, uma vez que tais mudanças são realizadas a fim de adaptar os textos de partida a novas funções e aos novos contextos culturais na língua de chegada.

Sob o mesmo ou diferentes rótulos, a tradução é reconhecida como atividade integrante do escopo jornalístico e, inclusive, tratada comercialmente pelos profissionais da área. No site do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (<http://www.sjisp.org.br>), podemos observar nos valores de referência para as diferentes atividades relacionadas ao texto, o preço sugerido para cobrança de tradução por lauda com 1400 caracteres.

Outra questão importante incide sobre a tipologia do texto jornalístico. Reunimos sob o rótulo “texto jornalístico” uma gama muito variada de tipologias existentes e veiculadas pelo suporte “jornal”, gêneros diversificados com, majoritariamente, a mesma função: informar. Daí os manuais de redação e estilo enfocarem as recomendações de clareza, concisão, precisão, fluência e simplicidade, recomendações que também são dirigidas ao tradutor quando se depara em sua tarefa com essa tipologia textual (GUERRERO, 2006).

Com o intuito de tornar o texto “claro” e “objetivo” para o público-alvo, o tradutor apaga, por vezes, as diferenças culturais e linguísticas do estrangeiro, tornando-o familiar e inteligível ao leitor que passa a reconhecê-lo como um produto doméstico, não mais como algo resultante de um processo de tradução. Podemos

⁴ *The first problem that arises for academic collaboration between translation and journalism scholars seems to be the very definition of ‘translation’. While for the former the concept encompasses a wide range of inter- and intralinguistic changes (irrespective of whether some used ‘translation’ and others prefer ‘transediting’ to imply news or journalistic translation), journalism researchers seem to view ‘translation’ as the literal interlinguistic rendition of a foreign text, a process that tends to be rare in news production involving translation.*

considerar esse processo de domesticação (VENUTI, 2002), em menor ou maior medida, natural a todo ato tradutório

Nas palavras do autor “os padrões tradutórios que venham a ser razoavelmente estabelecidos fixam estereótipos para culturas estrangeiras, excluindo valores, debates e conflitos que não estejam a serviço de agendas domésticas.” (p. 130). Nessa perspectiva, a tradução incide diretamente sobre a formação das representações e das identidades culturais, valorizando ou desprestigiando a diferença entre determinados grupos.

Considerando o papel que a tradução exerce na formação de identidades culturais, não podemos pensar na atividade jornalística, tampouco na tradutória, como processos neutros e esvaziados de conteúdo ideológico. A imprensa é um dos meios, se não o principal, que nos permite entrar em contato com o discurso “através do qual nós adquirimos a maior parte do que sabemos sobre o mundo [...] e através do qual muitas de nossas opiniões sociais e atitudes são formadas” (VAN DIJK, 2005, p. 14).

Nesse sentido, parece-nos relevante efetuar um estudo sobre a tradução de títulos jornalísticos, principalmente daqueles disponibilizados em ambiente digital, já que na sociedade hodierna esse meio se configura como a principal fonte de veiculação da informação, embora se apresente de forma invisível em função dos processos de domesticação. Se consideramos, então, que o título tem o papel de vender a notícia a qualquer custo, cabe-nos refletir sobre o “custo” das transformações ocorridas no processo tradutório e sobre os efeitos de sentido que ela desencadeia ao se adequar aos valores estéticos domésticos.

Com o objetivo de analisar as estratégias discursivas adotadas para a tradução de manchetes de notícias do francês para o português, considerando as normas locais do contexto jornalístico brasileiro e os desdobramentos que se projetam sobre as representações do fato noticioso, selecionamos um corpus que compõe-se de manchetes do jornal francês *Le Monde* publicadas no Brasil durante o primeiro semestre de 2015. Dessa forma, propomos uma análise da dimensão textual do discurso jornalístico, centrada no processo de lexicalização, e também na dimensão contextual, relacionada à descrição das representações e dos fatores socioculturais que incidem sobre a tradução.

Tradução, ética e jornalismo: o papel do tradutor de notícias

Embora não haja um código que regulamente as questões éticas envolvendo diretamente as traduções, sejam elas jornalísticas ou não, essa discussão se faz presente em vários estudos da área. Venuti (2002), inserido no contexto contemporâneo norte-americano, discute a ética a partir da ótica da diferença, encarando a prática tradutória sempre sujeita a dois caminhos distintos: o do apagamento e o da visibilidade, o da legibilidade e o do estranhamento, o da marginalidade e o do etnocentro.

Em um polo, incide a ideia segundo a qual as traduções devam produzir textos fluentes, transparentes e domesticadores, eliminando qualquer estranhamento que possam causar no leitor e, de outro, o ponto de vista defendido pelo autor, a negação ao apagamento etnocêntrico que aponta para o diálogo com o estrangeiro. O autor argumenta em função de uma prática tradutória “visível”, na medida em que os textos traduzidos, ao buscarem a fluência por meio do apagamento de qualquer barreira que possa causar estranhamento ao leitor, torna o tradutor um sujeito invisível.

Independentemente da direção adotada pelo tradutor, Oliveira argumenta que a construção do conceito ético em tradução está relacionada a fatores espaciais, temporais e institucionais, assim:

A avaliação de um projeto tradutório, portanto, além de levar em conta os objetivos de seus idealizadores e realizadores, que podem ser ou não representados por uma só figura, a do tradutor, deve investigar os relacionamentos mantidos entre a cultura do original e a da tradução no momento em que tal projeto foi desencadeado (OLIVEIRA, 2005, p. 2).

Tanto no caso de traduções literárias, como no caso das traduções de notícias, a problemática da ética antecede a tradução. Entretanto, na esfera jornalística, espera-se que o texto de origem tenha sido redigido a partir das diretrizes do Código de Ética dos Jornalistas e do compromisso perante a veracidade dos fatos noticiosos. Para traduzir textos jornalísticos, o tradutor deve se adequar à realidade profissional do jornalista, para traduzir o jornalista se aventura pelo complexo universo da tradução.

A tradução de notícias está sujeita a uma dupla mediação: ao traduzir a realidade em notícia, o jornalista transpõe para o leitor uma fronteira espacial, traduz

o acontecimento em palavras, o que viu e presenciou torna-se relato. Esse objeto, o relato resultante da primeira tradução (intersemiótica) do mundo em palavras feita pelo jornalista, será a matéria-prima do tradutor. Isso significa que o relato produzido pelo jornalista passará por uma segunda tradução (interlinguística) que buscará transpor as barreiras não só espaciais, dados os diferentes contextos culturais em que autor e tradutor estão inseridos, mas também linguísticas. Nesse percurso, como asseveram Zipser e Polchlopek (2006), os textos jornalísticos quando traduzidos passam por transformações não só estilísticas, mas condicionadas, principalmente, por fatores sociais, culturais, políticos e econômicos.

Atualmente, os contextos nos quais o ato tradutório se realiza parecem não contribuir para que os tradutores de notícias exerçam sua função a contento. Bielsa e Bassnett (2009) discutem essa questão, a partir de uma esfera que recebe pouca atenção dos consumidores do *web* jornalismo: as agências de notícias. Com o objetivo de recolher e distribuir notícias de maneira rápida e eficaz, as agências contam com correspondentes internacionais e locais, contratados pelos escritórios e departamentos que mantêm em diferentes continentes. Tais profissionais representam as suas respectivas sedes nacionais, produzindo notícias sobre o país em que estão e enviando-as para o seu país de origem, além de traduzirem notícias de outras fontes para a agência que os emprega: “as agências não têm a intenção de contratar tradutores como tal. Isso ocorre porque a tradução não é pensada separadamente de outras funções jornalísticas” (BIELSA; BASSNETT, 2009, p. 57)⁵.

De fato, a tradução é indispensável para a produção de conteúdo jornalístico internacional, porém o que parece regra nas agências de tradução é que o texto jornalístico em língua estrangeira seja usado como fonte para a produção de uma nova notícia, e não necessariamente como um texto jornalístico a ser traduzido. Essa linha tênue que separa a função dos jornalistas daquela dos tradutores pode ser mais visível, ou menos, em função dos aspectos linguísticos e socioculturais do país para o qual as traduções são feitas. Cada país tem suas políticas editoriais e maneiras de representar sua cultura, guiando-se por seus próprios conceitos éticos e institucionais, como afirmam Zipser e Polchlopek, fato que conduz o tradutor a ampliar ou omitir

⁵ *But news agencies do not tend to employ translators as such. This is because translation is not conceived as separate from other journalistic tasks of writing up and editing.*

passagens do texto, adaptando-as culturalmente de acordo com as exigências da cultura alvo à qual a tradução se destina (ZIPSER; POLCHLOPECK, 2009, p. 4).

A escolha do fato a ser noticiado, bem como a contextualização dada a ele, revela posições ideológicas, como advoga Venuti (2002, p. 154), “uma vez que a tarefa da tradução é tornar um texto estrangeiro inteligível em termos domésticos, as instituições que usam traduções estão abertas a infiltrações de materiais culturais diferentes”. Consequentemente, as leituras fornecidas sobre os acontecimentos são, assim como as diversas traduções de um mesmo texto, apenas uma visão do acontecimento dentre muitas outras possíveis.

Do título ao texto

No que concerne, mais especificamente, à tradução dos títulos jornalísticos, Andújar Moreno (2003) constata que seu interesse reside, sobretudo, no fato de que tais textos combinam marcas visuais (no nível tipográfico e na segmentação) e organizações discursivas que são “difícilmente” traduzíveis de uma língua para outra. A autora afirma que

os títulos jornalísticos, muito marcados pelo gênero discursivo e pela tradição jornalística nos quais se inscrevem, constituem segmentos curtos e poli funcionais que exigem uma construção de sentidos complexa e retroativa por parte do tradutor (ANDÚJAR MORENO, 2003, p. 3)⁶.

O processo de tradução em jogo nesse tipo de texto, segundo o autor, revela uma “tensão” textual contínua entre as estratégias linguísticas e discursivas próprias a cada cultura (de partida e de chegada); o que torna a atividade tradutória ainda mais complexa. As escolhas lexicais nessa esfera podem preservar ou não relações sociais existentes, recobrando temas domésticos com vieses ideológicos direcionados ao interesse de determinado grupo ou instituição.

Guerrero (2006), por sua vez, observa que as alterações pelas quais passam, não só os títulos, mas também o corpo da notícia, estão diretamente relacionadas ao

⁶ *Les titres de presse, très marqués par le genre discursif et par la tradition journalistique dans lesquels ils s'inscrivent, constituent des segments courts et polyfonctionnels qui exigent une construction de sens complexe et rétroactive de la part du traducteur.*

fluxo das agências de notícias que exigem a (re)produção e publicação constantes de novas manchetes. Como postula a autora:

Um fluxo informativo constante chega às redações dos jornais, que é atualizado com o andamento dos eventos. Quando as notícias são traduzidas de outras mídias ou agências, às vezes é necessário atualizá-las ou completá-las com dados de outras fontes, a fim de poder transmiti-las (GUERRERO, 2006, p. 74).

Dessa forma, produz-se um texto diferente do texto inicial, seja para arcar com o fluxo intenso de publicação em função da aceleração imposta ao ritmo desse mercado, como mencionado anteriormente, seja devido às políticas editoriais de cada país. Tais mudanças condicionam transformações de diversas categorias, desde estruturais até ideológicas, pois: “[...] toda escolha envolve seleção: a informação que é divulgada não é livre, só se transmite aquilo que interessa. As reescritas sempre são feitas a serviço de um determinado discurso” (GUERRERO, 2006, p. 76)⁷.

A “suposta” liberdade de tradução dos textos jornalísticos deixa suas marcas, sobretudo, nos títulos, afinal, se as adições e supressões de partes do texto jornalístico são recorrentes no processo tradutório, não é de se estranhar que os títulos também sejam traduzidos sem a preocupação de retomar aspectos do título de partida. A esse respeito, Guerrero atesta que:

O mais comum é que o título original não influencie no que é escolhido para tradução. Além disso, as “normas” para atribuir títulos não são as mesmas em diferentes áreas linguísticas e culturais, no nosso caso francês e espanhol. O que realmente determinará a escolha do título será a nova situação comunicativa em que o texto traduzido deve funcionar (e, portanto, seus títulos) e, especialmente, as indicações que são seguidas nos diferentes meios de comunicação, compiladas em seus manuais de estilo (2006, p. 370)⁸.

Na mesma perspectiva, Stupiello e Simão (2017, p. xi) ressaltam que “as manchetes contribuem para que o leitor possa formar uma imagem da identidade do jornal ou de sua linha de informação”, o que permite afirmar que as manchetes são,

⁷ *Toda elección implica selección: La información que se difunde no es gratuita, solo se transmite lo que interesa. Las reescrituras siempre se realizan al servicio de un determinado discurso.*

⁸ *Lo más habitual es que el título original no influya en el que se elija para su traducción. Además, las “normas” para titular no son las mismas en ámbitos lingüísticos y culturales distintos, en nuestro caso el francés y el español. Lo que en verdad determina la elección del titular será la nueva situación comunicativa en la que debe funcionar el texto traducido (y, por tanto, sus títulos) y, especialmente, las indicaciones que al respecto se siguen en los diferentes medios, recogidas en sus libros de estilo.*

de fato, multifuncionais e suas traduções constituídas de normas próprias em cada cultura. Dado o caráter transgressor que esse fenômeno adquire em alguns contextos, o produto resultante dessa atividade não está circunscrito ao que, convencionalmente, se entende por tradução, aproximando-se mais do que se denomina adaptação.

Ao discutir acerca do caráter “transgressor” associado tradicionalmente à adaptação dos textos, Amorim (2005, p. 41) nos instancia, entretanto, sobre a falta de exatidão entre essas categorias, afirmando que

“em um contexto, caracteriza-se uma tradução como adaptação, associando-se ao termo a noção de transgressão, violação. Já em outro contexto, ‘adaptação’ deixaria de violar certos limites ao denotar, explicitamente, a modificação do texto original com objetivos bem definidos”.

Segundo essa perspectiva, os parâmetros estabelecidos como transgressores em determinados contextos podem ser considerados aceitáveis em outros, isto é, os limites que legitimam formas que se rotulam como “tradução” ou “adaptação” não são fixos e invariáveis, mas sim delimitados por diferentes formas de leitura e recepção desses textos. Analisar as normas que condicionam os projetos editoriais de textos jornalísticos em diferentes culturas demonstra que esses parâmetros se articulam com determinadas funções ou certos domínios nos quais os textos circulam.

Quando assumimos uma perspectiva pós-moderna de que em todo projeto de tradução está envolvido, em diferentes níveis, um certo grau de domesticação, “não fica claro qual seria a diferença entre a domesticação que se pratica em uma tradução e aquela que se efetuará em uma tradução” (AMORIM, 2005, p. 42). Assim, entendemos as traduções das manchetes propostas como o resultado desse entrecruzamento, práticas discursivas que promovem aproximações e distanciamentos e que inscrevem o sujeito tradutor na sociedade.

O contexto do *corpus*

O *Le Monde* é um jornal francês de grande prestígio internacional, fundado em 1944 por Hubert Beuve-Méry. Com extensa variedade de informações publicadas, periodicamente, sobre atualidades da Europa, da América Latina e do Mundo Árabe, sua estrutura interna apresenta características bem diferentes quando comparada a

outros jornais de grande circulação, visto que seus redatores possuem 40% do seu capital.

Inicialmente, seu formato tinha um aspecto peculiar, com textos extensos e analíticos, no entanto, em decorrência dos avanços tecnológicos e da migração dos textos, anteriormente impressos, para o ambiente digital, tais características foram adaptadas às demandas e exigências da contemporaneidade, textos analíticos e extensos deram lugar à inserção de logotipos, fotos e textos mais sucintos.

O jornal *Le Monde* publica, assim como todos os grandes jornais, notícias sobre diversos assuntos. Os textos apresentados aqui foram publicados, inicialmente, em francês no *Le Monde* e traduzidos para o portal UOL (www.uol.com.br), uma plataforma *on-line* brasileira lançada em 28 de abril de 1996, conglomerado do Grupo Folha.

No período de coleta, primeiro semestre de 2015, o número de traduções publicadas pelo portal, que, inicialmente, alcançava cerca de 4 traduções semanais, foi reduzido para 4 traduções mensais, e, em dezembro de 2016, o portal UOL parou de fornecer traduções do jornal *Le Monde*. Assim, encerramos a coleta de dados desta pesquisa com o total de cem títulos traduzidos. Extraímos dessa amostragem cinco manchetes que ilustram as questões que suscitaram a reflexão proposta por este trabalho.

Buscamos demonstrar, por meio da análise, em que medida e como essas traduções podem redirecionar as interpretações das reportagens que encabeçam, bem como podem suscitar deslocamentos de sentidos ao proporem traduções que refletem representações culturais estereotipadas dos sujeitos envolvidos nos fatos noticiados. Baseados nas proposições de Van Dijk (2002), evidenciamos, em nossa análise, a importância dos títulos jornalísticos para a interpretação e memorização da reportagem.

Consideramos, como visto em Van Dijk (1990, p. 98), que as proposições estão sujeitas a variações no que concerne à força das relações de implicação no discurso e, por essa razão, nossas inferências se aproximam das noções de “sugestão” e “associação” que muitas vezes se relacionam a informações que não estão explicitamente expressas no texto. Tais inferências “não são arbitrárias”, mas se relacionam a “crenças mais específicas, em opiniões e no conhecimento das

situações concretas” que permanecem pressupostos porque são socialmente compartilhados e possibilitam a análise do conteúdo ideológico do discurso jornalístico.

A respeito dos elementos constitutivos do discurso midiático, retomamos algumas considerações de Charaudeau (2015), com o propósito de discutir como tais elementos foram traduzidos e, muitas vezes, adicionados à tradução, a fim de atender tanto às políticas de redação do portal UOL, como também redirecionar tais títulos de acordo com o perfil do leitor brasileiro, apresentando uma nova abordagem aos acontecimentos noticiados.

Análise dos dados

(1) L’Egypte tout voile dehors (17/06/2015)

Tradução: Escritor faz apelo contra uso de véu no Egito e causa polêmica (18/06/2015)

A reportagem que esse título encabeça, redigida por Hélène Sallon, diz respeito à postagem feita no Facebook pelo escritor e ex-jornalista do diário *Al-Ahram*, Chérif Choubachy. Nesse *post*, o escritor expõe a saudade que sente do Egito de sua juventude, “moral e sem véu”, o que provocou polêmica entre os religiosos e as feministas, reacendendo o debate sobre o uso do véu no Egito.

O título do *Le Monde* apresenta um grande desafio ao tradutor. Embora ele seja formado por palavras recorrentes, o seu significado na tradução não decorre de uma leitura direta, pois em francês foi construída uma imagem que, se traduzida literalmente, poderia não esclarecer o leitor brasileiro objetivamente para o fato em tela. Se, por exemplo, o título fosse traduzido para o português por “No Egito, véus ao léu”, causaria estranhamento pelo caráter metafórico e seria pouco efetivo, uma vez que não deixaria que depreendêssemos como tópico central da reportagem a polêmica em torno do apelo do autor contra o uso do véu.

Segundo Van Dijk (2002), os títulos são formados por estruturas de relevância que dão origem aos tópicos (ideias) do fato noticioso. Nesse sentido, podemos dizer que as palavras “apelo” e “polêmica” são os tópicos colocados em evidência no título traduzido pelo portal UOL. Essa tradução possibilita que o leitor brasileiro entre em

contato com o fato noticioso de maneira mais “apelativa”, uma vez que por meio do título em francês não é possível saber que houve uma polêmica envolvendo o uso do véu no Egito.

A leitura da tradução nos permite inferir um aspecto cultural já bastante disseminado no Ocidente a respeito do uso do véu, de modo que a representação do outro nessa escrita traduzida apenas reforça a ideia que temos acerca do modo como as mulheres são tratadas não só no Egito, mas também em outras regiões do Oriente. Os títulos em francês e em português, colocados em contraste, evidenciam também o distanciamento e a aproximação de duas percepções culturais diferentes presentes nos contextos dos quais os textos são provenientes. A abordagem do fenômeno (uso do véu), tradição menos familiar à cultura brasileira do que à francesa, torna evidente os diferentes olhares lançados sobre o fato e as múltiplas formas de chamar a atenção para esse fenômeno, levando-nos, assim, a refletir sobre a legitimidade de se recorrer a estereótipos para atrair a atenção do leitor.

(2) En Afrique du Sud, une xénophobie largement banalisée (17/04/2015)
Tradução: África do Sul tem xenofobia corriqueira, alimentada pela violência (18/04/2015)

O conteúdo dessa reportagem nos informa que carros foram incendiados em Johannesburgo, na África do Sul, em protestos contra estrangeiros. De acordo com a notícia, as duas semanas de confrontos com os estrangeiros na cidade portuária e em seus subúrbios pobres resultaram em um balanço de cinco mortos. Segundo as associações locais de imigrantes, mais de 1.500 africanos, entre eles, moçambicanos, malauís, somalis e zimbabuanos, tiveram de fugir de suas casas ou de suas lojas saqueadas e se refugiaram em acampamentos montados às pressas.

O fato noticioso foi representado de maneira aparentemente semelhante em ambos os títulos. No que concerne à estrutura linguística, porém, o adjunto adverbial *En Afrique du Sud* foi traduzido por **África do sul**, figurando no título traduzido na posição de sujeito. Por sua vez, o sintagma *une xénophobie largement banalisée*, cuja tradução literal seria **uma xenofobia amplamente banalizada**, foi traduzida por **xenofobia corriqueira**.

Além disso, a tradução introduz um novo sintagma: “alimentada pela violência”. Ao inserir esse elemento, presente no corpo da reportagem e trazido para o título, mobiliza-se também um conjunto de representações as quais dizem respeito, sobretudo, à crença de que no continente africano os acontecimentos cotidianos são perpassados pela violência.

No título em português, tem-se uma afirmação, o que permite inferir que o leitor brasileiro é levado a formar sua opinião de maneira mais explícita por meio dos “saberes de crença do informador”, isto é, por meio da visão subjetiva do jornalista/tradutor. Essa noção é entendida por Charaudeau (2015, p. 45) como instrumento regulador das práticas sociais, dado que, uma vez explícita na informação, possibilita que julgamentos sejam compartilhados. Nesse sentido, ao afirmar que a África do Sul tem “xenofobia corriqueira”, interpela-se duplamente o leitor: não só sobre o fato de ele conhecer ou não a África do Sul, mas também sobre a adesão ou rejeição à apreciação proposta (CHARAUDEAU, 2015).

Essas representações organizam a construção da realidade a partir de imagens e são transmitidas como uma referência. Poderiam ser questionadas pelo leitor, pois as representações, nas palavras de Charaudeau (p. 47 e 48), “apontam para um desejo social, produzem normas e revelam sistemas de valores” e, nesse caso, apelam para a sua reação apreciativa diante dos eventos.

(3) Internet, l'autre champ de bataille israélo-palestinien (03/11/2015) Tradução: A guerra dos vídeos por trás das fachadas (05/11/2015)

A reportagem em questão diz respeito ao papel crucial da divulgação de vídeos e fotos no conflito entre Israel e Palestina. De acordo com o que foi noticiado, no momento da reportagem era possível encontrar, nas redes sociais, fotos de crianças segurando facas de cozinha nas mãos, posando para seus pais. No entanto, muitas dessas imagens eram montagens realizadas com retratos dessas crianças, consideradas mártires (*shahid*), as quais eram mostradas, primeiramente, vivas, e depois, mortas. A produção e divulgação dessas montagens parecem ter intensificado o conflito entre os dois territórios, pois a manipulação das imagens era muito sofisticada, embora a grande maioria dos vídeos e dos textos postados fosse obra de pessoas comuns.

De acordo com Charaudeau (2015), a ideologia do “mostrar a qualquer preço”, do “tornar visível o invisível” e do “selecionar o que é o mais surpreendente” foi utilizada como estratégia de tradução do portal UOL. Nota-se a priorização da tragédia e do caráter apelativo da notícia como mecanismo de ativação da memória do leitor de representações da violência.

O que, no título em francês, foi nomeado como “Internet”, na tradução foi rerepresentado pelo vocábulo *vídeos*, substituição que também remete à internet, uma vez que a troca de vídeos, fotos e músicas, entre outros documentos, é feita por meio desse veículo. O sintagma “*L’autre champ de Bataille israélo-palestinien*” foi traduzido por “guerra”, suprimindo elementos relevantes para a chamada da notícia, a saber: “*l’autre*” e “*champ de Bataille*”, o que indica que há outro(s) campo(s) de batalha israelo-palestino(s) além da internet, esta configurando-se como um novo espaço de conflito.

Além de tais alterações, o título traduzido menciona troca de “facadas” na guerra, o que também não consta no título do *Le Monde* e, de certa forma, torna o anúncio do fato noticioso mais instigante, dado que em uma guerra espera-se troca de bombas e tiros, e não facadas. Houve, ainda, a supressão do gentílico “*israélo-palestinien*” (israelo-palestino). Tal supressão omite do título um dado importante para situar a comunidade interpretativa com relação ao que está sendo noticiado, pois, sem essa indicação não sabemos quem são os envolvidos na guerra à qual o título faz referência.

A tradução omite a especificação geográfica do conflito, tornando-o generalizante e dramático, já que não se trataria de uma luta qualquer. De acordo com Van Dijk (2002), para redigir um título, deve-se simplificar as informações em tópicos frasais, os quais facilitam a interpretação do seu conteúdo. Nesse sentido, pode-se concluir que os tópicos frasais do título do *Le Monde* são *internet* e *champ de bataille*, ao passo que no título traduzido são *guerra* e *vídeos*. A tradução atribui ao título um caráter hermético e trágico, buscando despertar no leitor um forte apelo emocional.

(4) Des petits boulots au djihad en Syrie, le parcours de Foued Mohamed-Aggad (10/12/2015)

Tradução: 'Só volto para explodir tudo', disse 3º terrorista do Bataclan quando estava na Síria (12/12/2015)

Nessa reportagem, é narrada a trajetória de *Foued Mohamed-Aggad*, um entre os muitos rapazes de Estrasburgo que foram para a Síria a fim de lutar na guerra santa, o *jihad*. Segundo a matéria, ele foi o único a permanecer por lá, por mais de um ano e meio, antes de voltar à França para atacar o Bataclan, no dia 13 de novembro de 2015.

Na tradução do título, pouco restou do texto de partida. Enquanto a manchete, em francês, é estritamente nominal (“Dos pequenos bicos ao *jihad* na Síria, o percurso de Foued Mohamed-Aggad”); em português, o título é composto por uma citação e duas orações. A citação feita em português não consta no título de partida; por outro lado, a identificação de quem teria proferido o enunciado – identificação que, no texto em francês, é explicitada pela referência ao nome próprio *Foued Mohamed-Aggad* – desaparece na tradução. Tal mudança poderia ser justificada pelo fato de que a menção ao referido nome não levaria a comunidade interpretativa em questão a estabelecer relações com a *jihad* e, portanto, com os conflitos entre países ocidentais e a Síria. No entanto, o teor sensacionalista e alarmante dessa escolha tradutória é inegável.

Para Charaudeau (2015), tanto os elementos selecionados quanto a maneira como se relata a palavra do outro no discurso midiático é reveladora de posicionamentos do locutor/relator. Assim, a afirmação retirada do corpo da notícia – “Só volto para explodir tudo” – foi usada estrategicamente para reafirmar a identificação de *Mohamed-Aggad* como terrorista, pois quem assume que volta “para explodir tudo” investe-se de um discurso de intimidação capaz de provocar no outro um sentimento de ameaça à sua segurança e aos seus interesses considerados legítimos (VAN DIJK, 2005, p. 81). Daí a associação quase imediata dessas palavras com atos que remetem, no imaginário do leitor, às lutas armadas e ao terrorismo. Conforme afirma Van Dijk, “os predicados, seleccionados enquanto significados para descrever (actores sociais de) grupos externos, podem incorporar opiniões controladas por ideologias, coma se verifica no uso [do vocábulo] ‘terroristas’” [...]

(p.153). Assim, a tradução do portal UOL além de expressar um juízo de valor, também induz o leitor a uma interpretação depreciativa e pré-concebida dos fatos.

(5) Les entreprises françaises à l’heure de l’allongement du temps de travail (05/11/2015)

Tradução: Na França, empresas dão “jeitinho” para escapar da jornada semanal de 35h (07/11/2015)

Essa reportagem diz respeito à reforma da legislação trabalhista na França. De acordo com a matéria, o primeiro ministro à época, Manuel Valls, havia anunciado uma reforma da legislação trabalhista que seria realizada ao longo de dois anos, começando com o aumento do tempo de trabalho, embora a lei continuasse a garantir a duração legal de 35 horas semanais e o pagamento de horas extras.

Uma possibilidade de tradução da manchete do *Le Monde* seria: “As empresas francesas em tempos de prolongamento das horas de trabalho”. O título transmite ao leitor francês o conteúdo de forma mais descritiva, sem direcioná-lo para pontos de vista específicos, de modo que somente após a leitura integral da matéria é possível, de fato, formar uma opinião e inteirar-se sobre o assunto da reportagem.

No entanto, nota-se que a tradução do título para o português busca aproximar o leitor do fato noticioso por meio do uso de uma expressão bastante explorada em nossa língua e que remete à representação da identidade do povo brasileiro. Ao afirmar que as empresas francesas dão um “jeitinho”, substantivo que é grafado entre aspas no título, o leitor certamente fará a associação com a expressão “jeitinho brasileiro”.

De acordo com o antropólogo Roberto DaMatta (1997, p 103), o que caracteriza o jeitinho brasileiro, cuja profissionalização se encontra materializada na figura do malandro, “não é só um tipo de ação concreta situada entre a lei e a plena desonestidade, mas também, e sobretudo, é uma possibilidade de proceder socialmente, um modo tipicamente brasileiro de cumprir ordens absurdas”, ou ainda de “conciliar ordens impossíveis de serem cumpridas com situações específicas, e – também – um modo ambíguo de burlar as leis e as normas sociais mais gerais”. O pesquisador não atribui a esse caráter uma conotação negativa, relacionada à irresponsabilidade, à grosseria ou cinismo, mas, alega haver no modo um “jeito ou

estilo profundamente original e brasileiro de viver e às vezes sobreviver, num sistema em que a casa nem sempre fala com a rua” (p. 104).

É interessante apontar, no entanto, que na introdução de seu texto “O modo de navegação social: a malandragem e o “jeitinho”, DaMatta (1997) cita, a princípio, a França, dentre outras sociedades, para exemplificar lugares em que as regras universais “ou são obedecidas ou não existem” (p. 97). Nesses locais, segundo o autor, as propostas não contrariam as regras da própria sociedade, havendo, então, a manutenção de uma coerência interna entre a esfera jurídica e as práticas sociais. Para DaMatta, essa adequação e obediência às leis é percebida por nós, brasileiros, como sinônimo de disciplina, correção e civilidade, características que se perdem na notícia, uma vez que o “jeitinho” é associado ao modo de funcionamento das empresas francesas.

Além de apresentar as ideias-chave da matéria, de acordo com Van Dijk (2002), o título é o lugar privilegiado no qual o redator pode expressar a sua subjetividade. Nesse caso, podemos dizer que a tradução do portal UOL não só expressa um julgamento de valor não presente no título do *Le Monde*, mas também leva o leitor brasileiro a inferir que as empresas francesas sejam supostamente corruptas ou descumpram as leis, daí revelarem, por meio dessa manobra, um “jeitinho brasileiro” de ser ou de agir.

Considerações finais

A análise dos dados desta pesquisa permite-nos tecer algumas observações acerca das semelhanças e diferenças encontradas nos títulos jornalísticos resultantes do processo tradutório. É sabido que as políticas editoriais impõem determinadas regras no modo como os fatos noticiosos devem ser expostos para cada contexto. Em decorrência disso, podemos observar, com grande frequência, o acréscimo e a supressão de dados nos títulos traduzidos. Para Van Dijk (1990, p. 50) as transformações implícitas (adição, omissão, repetição, substituição ou troca) são de natureza persuasiva, da esfera da retórica, e não de natureza gramatical. Assim, elas não expressam, em grande medida, diferenças de significado ou de contexto, mas são usadas estrategicamente pelo emissor para intensificar a organização e a atenção do leitor. Tais procedimentos mostram-se necessários, já que muitos acontecimentos

ficam sujeitos a readequações ou adaptações culturais e linguísticas decorrentes das mudanças de contextos para os quais as notícias são produzidas e, posteriormente, traduzidas e veiculadas.

Além das modificações quanto à ordem dos constituintes da oração, fato que gera a focalização de diferentes elementos nos títulos, também a seleção e a exposição dos dados são compreendidas aqui não só como uma questão de expressividade estilística priorizada pelos veículos de informação, mas, sobretudo, como um olhar diferenciador dos eventos noticiados. Em alguns casos, em função das escolhas lexicais na tradução, os títulos foram integralmente “reescritos”.

A seleção dos tópicos, bem como a maneira como eles foram organizados pelo portal UOL, podem levar o leitor a interpretar a notícia de modo muito diferente do que poderia ser interpretada por meio da leitura do jornal *Le Monde*. Se tais escolhas tradutórias não estão, como já mencionamos, condicionadas apenas por questões de redação e estilo, o que se busca nas traduções é fazer circular um discurso mais “polemizante” na mídia brasileira. Nessa perspectiva, constatamos que a tradução jornalística, de fato, faz mais do que informar, ela é capaz de (trans)formar opiniões, mudando e propagando novas percepções do outro e de suas identidades.

É comum dizer que o local de onde “fala” ou emerge a tradução diz muito sobre o outro, porém essa afirmação torna-se mais evidente quando se pensa em tradução jornalística, visto que esses textos, que comumente reportam o outro, carregam traços da subjetividade do criador da notícia e, posteriormente, de quem a traduziu, traços esses que particularizam cada (re)escrita em tradução. Por meio da tradução promove-se a acessibilidade doméstica e a formação de representações socioculturais a serviço das instituições, pois sempre há de se levar em conta os interesses financeiros, políticos e ideológicos do aparelho midiático que sustentam as produções jornalísticas. Esse conjunto de forças é determinante para (re)produção das identidades no mundo pós-moderno em que o banal tende a assumir papel de extraordinário.

Esse fenômeno de movimentações, de trocas e de passagens inerentes ao processo de tradução, e tão presente na produção jornalística traduzida, associado ao potente veículo de comunicação global que é a internet, só confirma a tese

segundo a qual as traduções são, de fato, um mecanismo que permite (re)inventar, incessantemente, a identidade.

Referências

ANDÚJAR MORENO, G. La traduction français-espagnol des titres journalistiques du Monde Diplomatique: un exemple de tension entre adéquation et acceptabilité. **Translation Journal**, Poughkeepsie, p. 1-12, 2003. Disponível em: <http://www.translationdirectory.com/article1135.htm>. Acesso em 11.06.2015

AMORIM, L. M. **Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no país das maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

ASTIRBEI, C. E. Particularités de la traduction du texte de presse: le problème du titre journalistique. **Traduire: revue française de La traduction**, Paris, 225, 33-48, 2011. Disponível em: <http://traduire.revues.org/85>. Acesso em: 20.04.2015.

BIELSA, E.; BASSNETT, S. **Translation in Global News**. Londres: Routledge, 2009.

CHARAUDEAU, P. k. **Discurso das Mídias**. 2 ed. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2015.

DAMATTA, R. (1997) **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro, Rocco.

GUERRERO, M. J. H. Técnicas específicas de la traducción periodística. **Quaderns. Revista de traducción**, n. 13, p. 125-139, 2006.

GUERRERO, M. J. H. La traducción en las nuevas formas de periodismo. In MONTERO KÜPPER, Silvia; GESTAL, Montse Vázquez; RIVERA, Iván Puentes (eds.). *Comunicación, Traducción e Interpretación / Communication, Translation and Interpreting*. **MonTI Special** v.5, p. 72-93, 2019.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: www.folha.uol.com.br

OLIVEIRA, M. C. C. Ética em tradução, frutos de posturas estéticas e políticas. In: **Sentidos dos lugares**. Encontro Regional da ABRALIC. Rio de Janeiro: ABRALIC, p. 1-9, 2005.

SIMÃO, A. K. G.; STUPIELLO, E. N. de A. Repensando a invisibilidade do tradutor de *web* notícias: propostas para o contexto de formação acadêmica em tradução. **Revista Caracol**. n. 14, São Paulo, 2017, p. 198-225.

VALDEÓN, R. A. (2015). **Fifteen years of journalistic translation research and more. Perspectives: Studies in Translatology**. Copenhagen, 23, 634-662. Disponível em

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0907676X.2015.1057187>. Acesso em 5.08.2018.

VAN DIJK, T. **La noticia como discurso**. Barcelona: Paidós, 1990.

_____. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Discurso, notícia e ideologia: estudos na Análise Crítica do Discurso**. Porto: Campos da Letras, 2005.

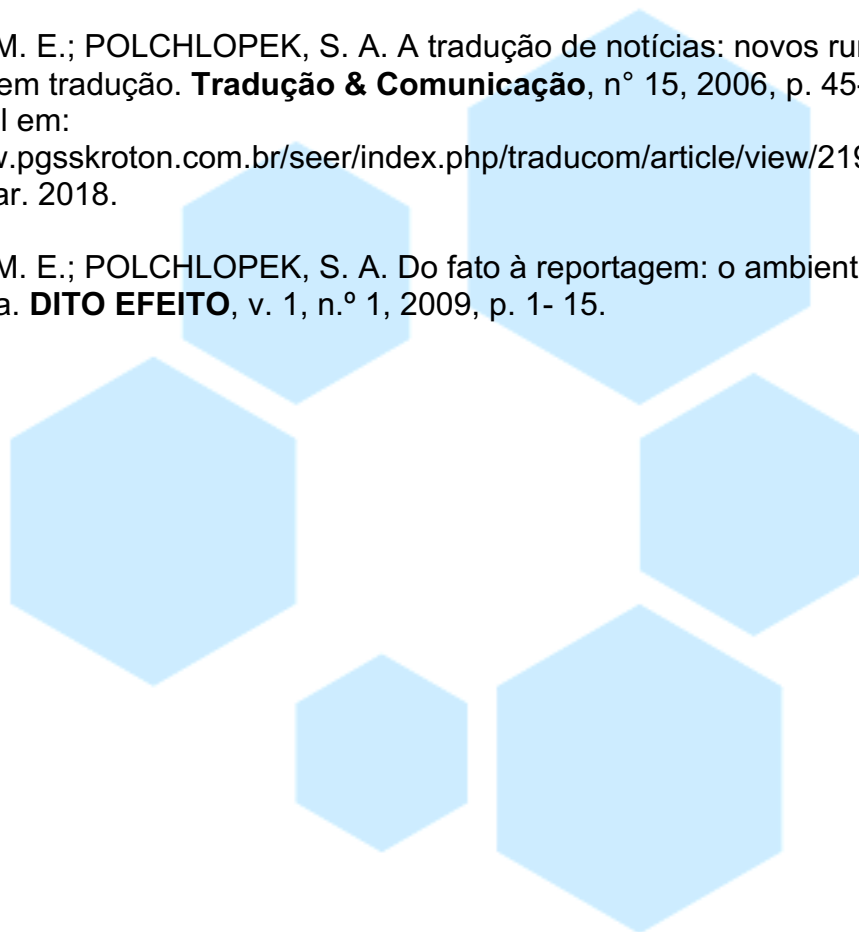
VENUTI, L. **Escândalos da Tradução**. Bauru, SP: Edusc, 2002.

ZIPSER, M. E.; POLCHLOPEK, S. A. A tradução de notícias: novos rumos para a pesquisa em tradução. **Tradução & Comunicação**, n° 15, 2006, p. 45-53.

Disponível em:

<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/traducom/article/view/2196/209> Acesso em: 19 mar. 2018.

ZIPSER, M. E.; POLCHLOPEK, S. A. Do fato à reportagem: o ambiente da tradução jornalística. **DITO EFEITO**, v. 1, n.º 1, 2009, p. 1- 15.



Recebido em 24 de agosto de 2020
Aprovado em 01 de novembro de 2020